

Coro Gulbenkian

Inês Tavares Lopes



31 dez 24

31 dez 24 TERÇA 17:00

IGREJA DE SÃO ROQUE

Coro Gulbenkian
Inês Tavares Lopes Direção

Francis Poulenc

Salve Regina

Ave verum corpus

Frank Martin

Missa para Duplo Coro

Kyrie

Gloria

Credo

Sanctus – Benedictus

Agnus Dei

Samuel Barber

Agnus Dei

Miguel Jesus

Magnificat in Five Vignettes

I: *Magnificat*

II: *Quia fecit*

III: *Fecit potentiam*

IV: *Suscepit Israel*

V: *Gloria Patri*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1H
CONCERTO SEM INTERVALO

Ao longo do século XX, muitos foram os compositores que abordaram a música sacra, parecendo contrariar a laicidade crescente que se fazia sentir na cultura ocidental desde a centúria anterior. Se atentarmos à multiplicidade de abordagens ao género, constatamos estar diante de um quadro mental diverso. É uma fé sensível, servindo-se dos textos sagrados para comentar, gerir e assimilar as novas realidades que enformam o mundo contemporâneo, com as suas relações impotentes entre o sofrimento e a consolação. Cada compositor tomou um caminho eclético para evocar um sentido duplamente religioso e espiritual, ora retraído, ora universal, mas, em definitivo, fora do contexto estrito da religião (antes para os ouvidos da alma), quase sempre enquadrados por textos dos mesmos, aparentemente ciosos de contextualizar o *momentum* que precedeu a composição.

Figura central do movimento neoclássico da música francesa, **Francis Poulenc (1899-1963)** desenvolveu uma linguagem sacra coesa, fazendo uso de um idioma deliberadamente arcaico, partilhando uma simplicidade exterior, o uso magistral da cor harmónica e incorporando elementos lúdicos e sensuais como dispositivos expressivos para iluminar os textos sagrados. Escrito em 1941, o ***Salve Regina*** é intrigante na sua forma hipnótica, frases musicais curtas, elípticas e harmonias ambíguas, entre o modo menor e maior, particularmente nas passagens cadenciais. Nos últimos compassos, um dolente diálogo entre sopranos e tenores, pressente-se uma centelha de esperança numa França

ocupada pelo exército alemão.

Por contraste, o ***Ave Verum*** é conciso na sua clareza vocal e fluidez dramática, baseando-se num estilo imitativo de pendor renascentista. Composto em agosto de 1952, para o Festival Internacional de Música Contemporânea de Pittsburgh, E.U.A., o motete seria estreado nesse mesmo ano pelo coro do Colégio Feminino da Pensilvânia.

Convencido de que a principal missão do artista é conferir beleza à humanidade, o suíço **Frank Martin (1890-1974)** acreditava que não era necessário, nem desejável, dar expressão ao espírito da época. Também por isso, a sua música oscila entre uma estética repleta de reminiscências do cânone clássico e da linguagem impressionista própria do seu tempo. A ***Messe pour double chœur*** [*Missa para Duplo Coro*] foi composta em 1922 (com exceção do *Agnus Dei*, que data de 1926), de *“livre e espontânea vontade, sem comissão ou remuneração”*, segundo o compositor. Em 1946, durante uma palestra, dizia sobre esta obra, *“através de um tipo de modéstia instintiva, nada fiz”* para que fosse estreada, concluindo *“bastou-me inteiramente”* tê-la escrito. Anos mais tarde, esta modéstia seria assumida pelo compositor como fruto da sua incapacidade em compreender os seus próprios sentimentos religiosos. Diante de um impulso em *“suprimir momentaneamente a expressão intelectual”* da sua fé, a composição da missa permitira que se conectasse, uma vez mais, com a religião, assim manifestando a fé que nele habitava. A estreia chegaria apenas em 1963,

pelos Bugenhagen-Kantorei de Hamburgo, sob direção de Franz Wilhelm-Brunnett. Nessa ocasião, Frank Martin afirmou: “*Temia que fosse julgado a um nível puramente estético. Considerarei isto como um assunto entre Deus e eu (...)* Senti que uma expressão pessoal de crença religiosa deveria permanecer secreta e não ser influenciada pela opinião pública”. Em cada rúbrica da Missa, *Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus-Benedictus* e *Agnus Dei* pressente-se uma notável fluidez melódica e vitalidade rítmica, assente na justaposição de uma austeridade musical, muitas das vezes fazendo eco do cantochão gregoriano, e de uma paleta harmónica luxuriante, um quadro em que todas as opções técnico-compositivas estão em aberto, balaço subtil entre uma tradição milenar e um idioma mais contemporâneo.

Obra paradigmática do século XX, de uma intensidade emocional catártica, elegíaco no imobilismo, na repetição de um só motivo, em ondas sucessivas de dinâmica variada, o *Adagio para cordas* do norte-americano **Samuel Barber (1910-1981)** é uma adaptação do 2.º andamento do *Quarteto para Cordas* op. 11, escrito em 1936 e estreado em 1938, pela NBC Symphony Orchestra, sob direção do mítico maestro Arturo Toscanini (1867-1957). Face ao sucesso obtido, Barber viria a fazer uma nova adaptação, em 1967, para coro e órgão *ad libitum*, valendo-se da oração litúrgica em latim **Agnus Dei**, perfeita para dar voz à dolência penitencial da música.

Eclético na forma e no *ethos* compositivo, **Miguel Jesus (n. 1984)** é uma das figuras mais prolíferas da sua geração no que ao repertório coral diz respeito. Estreado a 4 de setembro de 2021, na Abadia de Brauweiler, Pulheim, Alemanha, pelo Coro Ricercare, sob direção de Pedro Teixeira, **Magnificat in Five Vignettes** [*Magnificat em cinco esboços*] foi terminado em 2020. Nas palavras do compositor: “*uma sequência de visões*” que evocam “*a ilusão de apresentar o mesmo objeto de pontos de vista distintos, complementando-os numa união que se pretende mais forte que a soma das partes*”.

JOSÉ BRUTO DA COSTA

Inês Tavares Lopes

Mestre em Direção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa, estudou direção coral com os maestros Paulo Lourenço, Eugene Rogers, Cara Tasher, Stephen Coker e Brett Scott, e canto com Isabel Alcobia, Ângela Silva, Joana Nascimento, Geert Berghs, Jill Feldman e Rita Marques. Lecionou no Conservatório de Música e na Escola Profissional da Metropolitana, bem como na Academia Nacional Superior de Orquestra, entre 2011 e 2017. De 2015 a 2017, ocupou o cargo de monitora na Escola Superior de Música de Lisboa, onde lecionou as disciplinas de coro, técnicas de direção coral, técnica vocal e conjuntos vocais e instrumentais. Maestra fundadora do Ensemble Vocal Desafinados (2012) e do Coro Juvenil da AMAL (2017), foi também membro do Tenso Europe Chamber Choir, em 2013 e 2014. Entre 2013 e 2019, integrou o Coro Gulbenkian, colaborando também como ensaiadora. Como cantora, participa em projetos com os agrupamentos Officium Ensemble, Voces Caelestes, Ludovice Ensemble, Capella Patriarchal, Ensemble MPMP, ECCE Ensemble, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e Polyphonos Ensemble. Em 2020 tornou-se diretora artística do Ensemble Vocal Aura, projeto dedicado exclusivamente a vozes femininas. Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta do Coro Gulbenkian.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

Coro Gulbenkian

SOPRANOS

Beatriz Ventura
Carina Matias Ferreira
Claire Santos
Isabel Cruz Fernandes
Mariana Moldão
Mónica Beltrão
Sara Afonso
Teresa Duarte

TENORES

Aníbal Coutinho
António Gonçalves
Artur Afonso
Dinis Rodrigues
Francisco Cortes
Gerson Coelho
Jorge Leiria
Simão Pourbaix

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes
Joaquina Santos

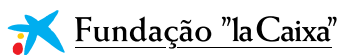
CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Bianca Varela
Estrela Martinho
Joana Esteves
Manon Marques
Margarida Simas
Maria Bustorff
Rita Tavares

BAIXOS

Afonso Moreira
João Costa
Miguel Carvalho
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

GULBENKIAN.PT